

# Paisagens, imagens, escritas

Landscapes, images, writings

Paisajes, imagines, escritos

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i3.39800>

---

## Organizadores

---

### **Aline Trigueiro**

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: [aline\\_trigueiro@hotmail.com](mailto:aline_trigueiro@hotmail.com)

### **Marcelo Lins**

Artista, Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Professor do Departamento de Linguagens Artísticas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [marcelolins374@gmail.com](mailto:marcelolins374@gmail.com)

### **Marcus Alexandre Motta**

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Professor do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [marcusalexandremotta@gmail.com](mailto:marcusalexandremotta@gmail.com)

---

## Apresentação

(...) foi então que me disse que o extravio nosso tinha sido mais completo; porque a gente tinha vindo em má rota (...). Eu escutei, tei. Em outras ocasiões, uma notícia dessas era capaz de me perturbar. Mas, dessa viagem, eu achava até divertido.  
(*Grande Sertão: Veredas* - João Guimarães Rosa)

*Paisagens, imagens, escritas*: três caminhos... três modos de extravio. Desde então aquela lembrança da *má rota*, de como se apura a viagem pelas passagens. “No meio da travessia não vejo!”<sup>1</sup> – Se segue. A abertura se faz no passo-a-passo.

Na singularidade deste dossiê, resta aquilo que o concerne: seus escritos, suas criações plásticas, poéticas e fotográficas como auscultas sensíveis ao pensamento. São dezesseis contribuições reunidas (dezesseis rotas), compostas em tom genuinamente simbiótico ao aproximar trajetórias e áreas de conhecimento distintas: Ciências Sociais, Filosofia, Ecologia, História, Arquitetura, Cinema, Literatura e Artes. E, por vezes, ao misturá-las de modo inventivo, incorporando outras áreas e debates neste diálogo.

Desde a chamada inicial do dossiê, ecoavam algumas indagações: *quais imagens e escritas uma paisagem pode reivindicar? Quanto (ou o quê) de escrita se estende em uma paisagem? De que matéria de paisagens são feitas as imagens? Ou, ainda, de que imagens se vestem as paisagens?* Para as leitoras e os leitores a procura de respostas assertivas, adianta-se que não as encontrarão por aqui. Neste dossiê, em tudo há um pouco de declínio, de aquietação... daquela busca do tempo vagaroso, que insiste em nos solicitar, de cada dia, a experiência do seu invento. Os detalhes são tomados nas pequenas coisas, nos percursos de cada escrita, na atenção ao ritmo da narração e nas suas passagens.

Entendemos que *paisagens, imagens, escritas* estão melhores quando pensadas livres nos seus modos de seguir. Nada se retém muito, ou se delimita a partir delas. Melhor que seja assim. Continuemos sem alento, insistindo naquela disposição para narrar as coisas e os acontecimentos. Seguir no talho da *palavra* para tomá-la artisticamente e literariamente no pensamento. Nenhuma ciência aprenderia mais, senão com esta retomada narrativa. Uma inversão, na forma de um compromisso silencioso, em favor da vitalidade das coisas e da escrita, para que não se consumam na ameaça de predomínio da informação – como nos conta Benjamin (2018) – sob o risco de serem substituídas pela fórmula e pelo automatismo do pensamento. Ou ainda, no aconselhamento de Rosa (2015:51): “O que é pra ser – são as palavras!”

---

<sup>1</sup> Evocamos aqui uma citação da obra de Guimarães Rosa (2015:41).

Iniciamos as apresentações das obras aqui acolhidas e dos seus interessantes experimentos narrativos. Cada um dos trabalhos – na forma de artigos, ensaios teóricos, artes plásticas e poemas – oferece aos leitores e leitoras um tipo de respiração, de pensamento e de fabulação próprios; cada um deles, ao seu modo, experimenta, interpreta, reinventa, afasta ou revira aquelas questões apontadas acima.

Na seção dedicada aos artigos nos colocamos próximos às *paisagens, imagens e escritas lusitanas*. Trata-se de três contribuições internacionais. A primeira delas, o artigo *Um herbário para Florbela: raiz, cor, folha e flor da charneca alentejana*, de Joana Abranches Portela, propõe-nos um percurso “*multissensorial e fenomenológico com a paisagem*” transtagana. Desfrutamos de significativos encontros nesta obra, a começar pela escrita primorosa, delicada e criativa na forma de um herbário para Florbela Espanca. Os escritos da poeta vicejam na escrita de Joana Abranches, mas esse percurso não se faz à procura de um ‘eu’ lírico, convida antes para uma experiência *geo-eco-paisagística* junto a charneca, percorrida no próprio *chão rude*, ao modo da sua leitura. O artigo reúne a um só tempo ecologia e literatura. Ao longo da caminhada, abre-se a possibilidade de outros encontros com o ambiente da charneca – suas flores, folhas, raízes, cores, cheiros, seu solo – por onde se vai compondo um aromático herbário com alfazemas, tomilhos, alecrins, cardos, dentre outras paisagens vegetais colhidas nas obras de Florbela. A poeta habitou as paisagens do Alentejo, viveu e escreveu por dentro desta geografia; seus poemas e prosas sempre estiveram lá fora, no tempo transtagano em sua transformação. É assim que a escrita de Florbela (na escrita de Joana) se faz cambiante *com e na* paisagem alentejana; evoca seus ciclos, seu clima seco e suas belas florações. Essa topografia é percorrida sinestesticamente, sob o efeito de um encontro com o tempo de outrora – tempo de Florbela, da charneca ainda rude e em flor – e o tempo de agora, já marcado pela devastação ecológica da região. Ontem e hoje, sem linearidades; mesclados pelas distâncias das flores bravias, viçosas ou ressecadas. Tempo da memória. Se há um acontecimento (uma tarefa) de paisagem para aquele que escreve e um haver de paisagem para quem lê, o artigo de Joana nos instiga a pensar que há também a paisagem desde lá fora, como ato criativo e instituinte de ligação com o mundo e com a palavra; uma experiência de enunciação e de nascimento, onde as escritas (como as paisagens) ganham vida e se recolhem.

No quadro dessas contribuições internacionais, cabe notabilizar também o segundo artigo *Arquitetura popular, lugares e paisagens no universo cinematográfico de António Reis e Margarida Cordeiro*, de Francisco Manuel Portugal e Gomes e Maria Raquel Paulo Rato Alves. Sua leitura nos convida a outras formas de percurso, desta vez seguindo as obras fílmicas de dois realizadores portugueses (o casal citado no título) pelos espaços habitados e paisagens, em

especial, da região norte de Trás-os-Montes. O texto ambiciona percorrer os processos de criação cinematográficos, trazendo aos leitores e leitoras a ambiência do contato dos cineastas com amigos arquitetos, edificações e a própria atmosfera da região norte. Por meio de algumas imagens e da própria escrita tomamos conhecimento de alguns enquadramentos fílmicos: a visualidade das “*formas arquitetônicas tradicionais da região*” (seus arcos e muros de pedra), as “*ceias de trabalho e de descanso*”, ou mesmo os “*gestos de intimidade e as vestes coloridas das personagens*” no contraste de uma pouca luz. Nota-se, nas obras, a marcante relação afetiva com as paisagens transmontanas e suas memórias, com o tempo lento (um tempo mais longo, para além daquele da própria ceia), com os lugares habitados e suas arquiteturas; e com o compromisso político – construído no diálogo entre arquitetos e cineastas – de trazer para a produção cinematográfica os modos de vida e as tradições de aldeias rurais e periféricas.

O terceiro artigo desse conjunto internacional é *A Paisagem e a sua Literatura, na mudança de paradigma filosófico*, de António dos Santos Queirós. Neste trabalho, a paisagem é compreendida como ponto de partida numa premente abordagem da vivência estética e ética da natureza, ao modo de uma *ecologia da paisagem, metafísica da paisagem e transcendência da paisagem*, conceitos propostos pelo próprio autor. O artigo percorre um vasto estrato bibliográfico, desde a filosofia, a literatura, a geografia, a ética, a ecologia, etc., a fim de pensar os processos e as possibilidades de uma teoria moral “*que possa ser universal, intemporal (projetada no presente e no futuro) e capaz de orientar a conduta individual, a ciência e as ideologias políticas, mas que não considere o homem como o produto final da evolução da Vida*”. No entanto, considerando-se uma aproximação pela via artística, convém destacar e valorizar a intuição do autor de buscar na literatura esse espaço de mediação e uma certa ambiência para refletir sobre a formação de um paradigma ambiental holista e inclusivo na relação humano-natureza.

Em meio às contribuições de autores(as) nacionais, apresentamos mais cinco artigos, dentre eles *Paisagens crepusculares: repensando as relações humanos-coiotes a partir da névoa no contexto de uma comunidade rural na Costa Rica*, de Luis Miguel Barboza Arias. Estamos agora nas paisagens rurais de San Gerardo de Oreamuno, na Costa Rica. Quase como uma narrativa de viagem, o autor conta alguns fragmentos de sua incursão nesta comunidade durante a realização de um trabalho de campo. À medida que mobiliza efeitos perceptivos no que escreve, coloca-se também como um sujeito que percebe o lugar, num exercício etnográfico atento aos estudos multiespécies e à geografia-mais-do-que-humana. O caráter criativo do estudo reside na forma como incorpora as paisagens sensoriais e as atmosferas, usualmente esquecidas nos estudos etnográficos, para contar, por meio delas, sobre a imagem espectral do coiote,

encoberto pela névoa, avistado nos seus uivos e réstias. O artigo nos faz compreender a agência dessas *outras entidades para-além-do-humano* no engajamento comunidade-coiotes. E vai além. Ao modo como o interpretamos, o trabalho de pesquisa de Luis Miguel soa mesmo como uma crítica a um tipo de escrita etnográfica que se fixa nas superfícies ignorando as relações terra-céu (nos modos de seus fluxos), instigando-nos a pensar um exercício de escrita no âmbito de uma antropologia do mundo-tempo (Ingold, 2015).

O quinto artigo *Aby Warburg, Fernando Pessoa e as paisagens astrais de suas ciências da expressão*, de Antônio Leandro Gomes de Souza Barros, é uma outra instigante contribuição que faculta pensar na abordagem de Aby Warburg (2015; 2016; 2019) acerca das imagens artísticas, no quadro de uma ciência da arte demarcada pelo paradigma da expressão. Nesse sentido, a recorrência de imagens astrais, fundamentadas no traçado da astrologia, dispõem no âmbito de dinâmicas culturais *uma grande paisagem geográfica e temporal*, que Antônio procura examinar tendo em vista possíveis remissões com a obra de Fernando Pessoa (2011a; 2011b), que se elabora no artigo como um tipo de presença literária no âmbito do pensamento de Warburg. Assim, por exigência de uma paisagem astral, Antônio percorre desde a constituição dos mapas natais em cada heterônimo até o próprio sentido de *heteronímia*, efeito natural da obra de Pessoa, que por sua vez coaduna com as preocupações de Warburg voltadas para a *heterocronia* das imagens, cujos reflexos não se assemelham e não se ajustam ao tempo da história em geral.

Já o sexto artigo *Um itinerário secreto: imagens sobreviventes em “Paisagem com dromedário, de Carola Saavedra”*, de Fernanda Gontijo de Araújo Abreu, se dirige de modo criativo à obra literária citada no título, na potência das imagens e de outras experiências perceptivas – perante a *intrínseca dialética arquivística* (ou melhor, no *desmantelamento das formas hierárquicas de arquivamento*) – que a própria obra movimenta. No itinerário fugidivo e labiríntico da narrativa estudada, instalam-se e desinstalam-se gestos artísticos, cruzam-se ou abolem-se fronteiras, criam-se e destroem-se arquivos, algo compatível com a condição contemporânea da arte. Por aproximar-se da contemporaneidade, no sentido do termo que precipita no presente uma diferença ou um deslocamento em relação à estabilidade do tempo imediato, a narrativa torna-se um tipo de reduto do anacrônico, resistindo, como *narrativa mesma*, a forma linear do tempo. São agora as imagens-fantasmas, ou imagens sobreviventes que aparecem. A imprevisibilidade e força de seu retorno abre a história à experiência do sintoma e seus efeitos, nos termos colocados por Didi-Huberman (2013; 2015). Neste sentido, a narrativa do livro consubstanciada pelo arquivo torna-se tanto conservação como ameaça ou assombro,

além de revolver reciprocamente o jogo formal entre interior e exterior, privado e público, memória e esquecimento, etc.

O sétimo artigo, *Livia Flores: 'exercícios de paisagem'*, de Fernanda Pequeno da Silva, convida o leitor ao reconhecimento do elemento paisagem na obra da artista Lívia Flores. Este texto convoca um conjunto de trabalhos de artes visuais da própria artista segundo um itinerário que se desdobra no campo das artes carioca, e que guarda como fundo a presença da cidade, ora em recortes, ora em caráter antimonumental, e investe inclusive na manutenção de hiatos, distâncias e contornos do espaço urbano como modelo. Esse conjunto de propostas responde à ideia de arte, ao seu chamado e/ou provocação, mantendo expressa um tipo de tensão do lugar, por propósito de reconstituição de sentido da paisagem como pura representação. Os procedimentos elencados no texto constituem assim a maneira artística que se orienta, que se intercala ou que se interpõe entre uma mobilização do espaço real e uma remissão ao observador/espectador segundo um outro estado de agudeza.

Encerrando a seção de artigos do dossiê, apresentamos o escrito *Impérvias superfícies – paisagens, imagens, escritas*, de autoria dos próprios organizadores: Marcus Alexandre Motta, Aline Trigueiro e Marcelo Lins. Trata-se de um experimento de escrita, ou uma forma de exposição, que talvez guarde uma impertinência em relação a expectativa do conhecimento enquanto forma organizada. Talvez o que pode ser dito de mais significativo a esse respeito, e que para nós se compreende como uma exigência crítica irreduzível, é que este gesto de escrita tentou não exercer um domínio sobre essas palavras: *paisagens, imagens, escritas*. Sem querer violá-las, tratamos antes de elaborar o testemunho de suas potências, numa abertura pelo espanto, mantendo-nos apenas no rastro de suas leituras sem ambicionar subordinar leitores e leitoras. Ao modo de uma tríade, ou de um mosaico, ensaiamos aproximações e distâncias, compassos de escutas, tempos longos e esperas diante de *paisagens, imagens, escritas*. E desse modo, a cada vez que estas palavras pareciam se comportar por conta própria, mostrando-se propícias a nos retornar ou se extraviar na superfície da escrita, conjecturávamos se nessas ocasiões (antes de provar o que elas são) não caberia ensaiar o que são num *fazer* da linguagem, tendo como gesto os arranjos ou retalhos de vozes que talvez pudessem fazer ecoar.

Chegamos à seção de ensaios teóricos. Nesta seção, contamos com duas contribuições nacionais. Dentre elas, apresentamos o primeiro trabalho, *Que pode um texto? O desejo da escrita contra o fim da alteridade*, de Luis Maffei. O autor parte de uma pergunta acerca da possibilidade do gesto de escrever diante do que nomeia como uma restrição do espaço para o acontecimento da escrita, atribuída ao predomínio de uma eficácia comunicativa em meio digitais, tais como WhatsApp, Facebook e outros. A emergência da dinâmica operacional destes

meios, tributária de atenção e reação permanente no exercício da interlocução, leva Luis a ponderar sobre mudanças na cena de uma escrita, tal como a que envolve a circunstância de endereçamento de uma carta – compreendida como uma prática humana assentada na distância, na saudade, na ausência, etc. E que, sendo assim, coloca-se, portanto, oposta ao panorama de plena disponibilidade dos dispositivos. Mediante este quadro, e pondo-se entre o ensinamento sensível de poemas e considerações literárias, o autor traz uma original reflexão a respeito de um cenário comportamental que denomina de *despresença*, bem como de uma ausência da própria paisagem.

A segunda ensaísta da seção é Vera Lucia Pian Ferreira, com o trabalho *Imagens encarnadas e outros encontros na escrita de Herberto Helder*. A autora nos presenteia com a sua sensibilidade ao modo como percorre as imagens encarnadas nos escritos de Herberto Helder, aproximando-as de gestos outros de arte. Em cada página há a marca da cor vermelha nos seus múltiplos matizes: *encarnado, escarlata, carmim, rubro...* O vermelho no ensaio de Vera ocupa o espaço da poesia, do cinema e da arte; ele é também um modo de escrita, que fere, sangra, abre e corta o que não pode conter da superfície da própria *escrita*. Há uma tecelagem que a autora faz junto com Herberto Helder, mas uma tecelagem de imagens, écfrases e estesias que desferem a fertilidade e a violência que o poeta afia. Uma escrita como tarefa, que afasta o mundo desde os subterrâneos, da mesma forma que os revolve. A tinta dessa escrita é vermelha, e só poderia ser, pois, feita de sangue – imagem encarnada. O trabalho de Vera Pian faz pensar se poemas são como um tipo de pacto. Se assim for, a escrita seria então um tipo de castigo – escrever o que não pode ser dito no indizível da cor vermelha.

O dossiê conta ainda com um conjunto de instigantes obras artísticas e poéticas. Na seção de ensaios fotográficos, o dossiê apresenta dois belos ensaios. No primeiro, *#15M, imagens e sentimentos políticos*, a autora Thayla Fernandes da Conceição nos sugere percorrer a cidade do Rio de Janeiro a partir de alguns planos abertos que apresentam a escala do movimento de ocupação humana nos espaços da própria cidade, a partir do ato contra os cortes na educação anunciados pelo governo do presidente Bolsonaro, que ocorreu em 15 de maio de 2019. Movimentando a sua câmera, no fechamento para certos planos de cenas, a fotógrafa e Cientista Social torna a narrativa visual bem interessante, pois sugere um tipo de escrita com os olhos. Ao passo que descreve as cenas num ângulo ampliado vai lhe dando contorno no movimento de passagem por seus detalhes até a entrada nas cenas da manifestação do #15M e o êxtase dos sentimentos performados. As corpografias assumem lugar na paisagem da cidade no ato da mobilização e isso permite ao observador uma certa intimidade com o próprio ato político no seu acontecimento. Diríamos que o ensaio fotográfico mimetiza um tipo de película fílmica embora a

sua apreensão seja ainda bidimensional, enquanto a narrativa escrita compõe para seus leitores as imagens de pensamento ao modo das que encontramos em Benjamin (2017).

No segundo ensaio fotográfico, *O amor é oposto ao medo: o congo capixaba como costura visível de tempos diversos*, de Lara Sartorio Gonçalves, as imagens constituem um fazer amadurecido e um entendimento sensível da linguagem fotográfica. Elas perfazem uma dimensão artística e guardam a potência dos detalhes nesse testemunho. Trata-se de uma viagem de retorno – um processo de rememoração, uma experiência de pertencimento – ao lugar de nascimento de Lara, o estado do Espírito Santo. As cores das imagens, alguns enquadramentos mais próximos dos movimentos dos corpos e dos instrumentos, remetem o observador para a atmosfera sonora e para as vibrações terrenas do Congo capixaba, destaques para: “*a retirada do mastro de São Sebastião, na Vila de Manguinhos (Serra), e o Carnaval de Congo de Máscaras, no Quilombo de Roda D’água (Cariacica)*”. Engendram, pela sua visualidade, uma experiência sensorial, um caminho que a fotógrafa e Socióloga trilha na intenção de valorizar “*elementos e expressividades das múltiplas identificações da negritude*”, incluindo os saberes e as festividades dos povos negros, estigmatizados pelo racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira. Já o texto que acompanha o ensaio fotográfico, procura apreender as dinâmicas que envolvem a noção de territorialidade, no âmbito de um predominante reconhecimento afetivo que as imagens e as manifestações da cultura popular capixaba provocam.

Temos, ainda, a seção referente às artes plásticas. Nesta parte do dossiê destacam-se duas obras artísticas. A primeira delas, *Modelo para derivas continentais*, do artista Michel Masson, provoca-nos com um trabalho de arte cujo acontecimento se faz entre a ação, a instalação e a escultura. A obra remete à condição das aberturas e margens – no efeito de suas aproximações e afastamentos – por meio da matéria-prima, o sal rosa, mergulhada em água. O espaço aquático ambienta um mapa cartográfico da Pangeia (esculpido no mesmo sal rosa) diante do seu movimento de deriva. As imagens fotográficas que visualizamos, na qualidade de seus registros, nos enquadramentos e ângulos detalhados da obra, evocam a sensibilidade do trabalho artístico e a criatividade da composição. A matéria (sal rosa), mergulhada em água, tem logo acima um prumo (tipo de pêndulo que demarca um centro, mas que remete também à passagem de um tempo impreciso) convocando-nos à experiência da efemeridade: aquilo que se mostra já compõe traços da sua própria ruína. Há um tipo de paisagem que acontece nessa abertura do tempo. Da passagem de um tempo longo (se pensarmos as estratigrafias que marcam as grandes derivas continentais), ao tempo do mapa aquático, essa *mimese* quase imprópria, por isso mesmo viva, no modo de suas impermanências. A obra é silenciosa, seu processo emite um tom esmaecido que ganha força pelo que sugere.

O segundo trabalho artístico, *Estudo para cataclisma*, de Ana Tereza Prado Lopes, somos remetidos às paisagens atmosféricas, sob o efeito inexorável do tempo. As imagens fotográficas buscam registrar um trabalho de intervenção *site specific*, que apreende a transformação da matéria pela ação do tempo e de fatores climáticos. Um trabalho instigante – uma pintura-instalação feita nas paredes de um prédio vizinho da galeria Sem Título Arte em Fortaleza, em agosto de 2019 – que articula as temáticas do dossiê de maneira contundente. A *massa pictórica* derramada (sua textura, granulidade...), desmorona fragilidade ante a parede vertical; escorre, segue em declínio, sob os efeitos atmosféricos. A exemplo das pinturas muralistas, e mesmo afastando-se delas por completo, a obra põe em questão o próprio tempo; faz-se como *paisagem-inscrição* – como permanência impossível.

Há, por fim, a bela seção de poemas incluídos neste dossiê, da poeta Giovana Vitória Carlos Motta e do poeta Diego Gonçalves Carvalho. Assim, na linha de continuidade dos artigos, ensaios e imagens fotográficas que aqui comparecem, os poemas abarcam o que se poderia dizer de um ensinamento sensível, sem pressupor qualquer domínio dos nomes *paisagens, imagens, escritas*. Tais contribuições apregoam uma potência avessa que faz recordar o dizer de Jean-Luc Nancy (2013, p. 416), “poesia não tem exatamente um sentido, mas, antes, o sentido do acesso a um sentido a cada vez ausente e adiado. O sentido de “poesia” é um sentido sempre por fazer”. Em *FIAR*, de Giovana, o que se faz escutar ganha ares de pedaços de prosa, apartados e remontados na cercania de uma experiência de paisagem. Por conseguinte, o poema [*Sem título*], de Diego, lança ambiências de paisagens que se captam segundo uma espécie de ateliê de escuta das assinaturas de Dante, Shakespeare, Melville, Artaud e Hart Crane.

Chegamos ao fim do percurso, e das apresentações, contentes com a qualidade dos trabalhos aqui reunidos e com a possibilidade de mostrá-los publicamente. Agradecemos a participação de cada uma das pessoas e almejamos que as suas produções ganhem acolhimento de mais leitores. Somos também gratos pela imensa generosidade do corpo editorial da Revista Simbiótica e toda a sua equipe, especialmente por esta oportunidade de publicar um dossiê cujo tom experimental só poderia acontecer em ambiente acolhedor.

## Referências

- WARBURG, Aby (2019), *A Presença do Antigo: Escritos Inéditos*. (org., trad. e introd. FERNANDES, Cassio). Campinas, Editora da Unicamp, v.1.
- WARBURG, Aby (2016), “De Arsenal a Laboratório”. *Revista Figura, Studies on the Classical Tradition*, v. 4, n. 1, pp. 182-193.
- WARBURG, Aby (2015), *Histórias de Fantasmas para Gente Grande*. São Paulo, Companhia das Letras.
- BENJAMIN, Walter (2018), *Linguagem, tradução, literatura (Filosofia, teoria e crítica)*. Belo Horizonte, Autêntica editora.
- BENJAMIN, Walter (2017), “Imagens de Pensamento”, in *Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte, Autêntica.
- DIDI-HUBERMAN, Georges (2013), *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro, Contraponto.
- DIDI-HUBERMAN, Georges (2015), *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Trad. Vera Casanova e Márcia Arbex. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- COLLOT, Michel (2013), *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro, Ed. Oficina Raquel.
- PESSOA, Fernando (2011a), *Cartas Astrológicas*. Edição de Paulo Cardoso, col. com Jerónimo Pizarro. Lisboa, Bertrand.
- PESSOA, Fernando / SOARES, Bernardo, (2011b), *Livro do Desassossego*. São Paulo, Companhia das Letras.
- INGOLD, Tim (2015), “Paisagem ou mundo-tempo”, in *Estar vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes.
- NANCY, Jean-Luc (2013), “Fazer, a poesia”. *Revista ALEA*, Rio de Janeiro, v. 15/2, pp. 414-422, jul.-dez.
- ROSA, João Guimarães (2015), *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.